

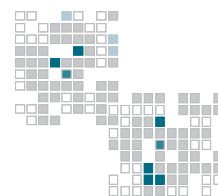
Os estudos de recepção e suas mediações contemporâneas

Como anunciado no *call for papers* desta edição, o termo recepção, a depender inclusive do idioma, pode ser controverso. Embora se refira às pesquisas que levam em conta a relação dos sujeitos com as narrativas, práticas e processos midiáticos, pode remeter a uma concepção de um “receptor passivo”, ou seja, de alguém que apenas “recebe” as mensagens e a elas reage. Recepção é, no entanto, a nomenclatura, ao menos no Brasil (JACKS E ESCOSTEGUY, 2005), que historicamente é utilizada no campo da Comunicação para se referir às pesquisas que buscam compreender as relações ENTRE os sujeitos e a mídia. Foi essa perspectiva que dirigiu a organização do dossiê “Estudos de Recepção” que compõe a presente edição da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación.

Desse modo, recepção se refere às pesquisas acadêmicas que buscam compreender o processo de produção de sentidos dos sujeitos às narrativas midiáticas, aos gêneros, formatos e aos próprios meios de comunicação, cada vez mais presentes no nosso cotidiano; por isso, Laura H. Wottrich anuncia em *O que ainda há de recepção na recepção? notas sobre um campo carregado de futuro*, longa vida ao campo. Seu artigo apresenta “uma proposta de configuração dos estudos de recepção, em diálogo com a tradição internacional, latino-americana e brasileira”, como explica logo no resumo.

A seguir, no artigo *Percepciones de Realismo en Black Mirror: estudio de recepción en audiencias mexicanas*, Beatriz Elena Inzunza Acedo, Patricia Robles Cázares, Luis Fernando Rodríguez, María Fernanda Cuevas examinam, do ponto de vista do público mexicano, as percepções de realismo em relação à recepção da série distópica *Black Mirror*. Em 2016, o primeiro episódio da terceira temporada contava a história de uma moça empenhada em aumentar seu *social rating*, ou seja, sua pontuação pelo uso de mídias sociais. O índice ajudava a financiar alugueis e a ter facilidades na hora de viajar, por exemplo. Parecia algo distante, algo possível apenas no campo da ficção, no entanto, em 2017, a China anunciou um sistema análogo ao da série, instituindo um *rating* de crédito social baseado em pontos que facilitará o acesso a serviços vários, inclusive os básicos.

O uso das mídias sociais (e a penalização consequente em caso de ausência) parece começar a ser uma prática crucial nas sociedades contemporâneas. Torna-se importante, neste contexto, entender cada vez mais seus usos e mediações possíveis. Chirlei Diana Kohls e Claudia Irene de Quadros estudam este ponto no artigo *Mediações no Facebook por Jovens Brasileiros*. E os jovens que não vivem nas grandes cidades? Valendo-se do neologismo “rurbanos”, derivado de “rural + urbanos”, Nilda Jacks, Mariângela Machado Toaldo e Jane Aparecida Marques apresentam, no artigo *Jovens Rurbanos: consumo midiático no “Brasil Profundo”* o consumo midiático deste perfil específico de jovens de 18 a 24 anos, “de várias camadas socioeducacionais, que vivem em quatro municípios



de zonas rurbanas do estado do Rio Grande do Sul/Brasil”, e focam em especial suas práticas nas redes sociais digitais.

Elia Margarita Cornelio-Mari, no artigo *Spiderman Choco Traduce “Game Of Thrones”: cultura participativa en la recepción de una serie global*, aborda a recepção e as mediações locais em uma região mexicana com base na tradução cultural de Spiderman Choco, um *you tuber* popular, discutindo a construção de uma cultura participativa em torno do fenômeno. Também na perspectiva da coparticipação de criações e recriações coletivas de narrativas, Edu Jacques, no artigo *Recriar e Difundir: práticas de circulação a partir do jogo Arma 3*, dá mais um passo nesta direção e o dossiê avança para o estudo de um dos mais discutidos artefatos culturais da atualidade, o game. Neste caso “Arma 3”, um jogo de ação do gênero de guerra e do subgênero *shooting games*: jogos nos quais é possível assumir a posição de primeira pessoa enquanto se empunha uma arma. É no espaço da escola e com jovens do Colégio Estadual do Paraná (Curitiba-PR) que Patricia Goedert Melo e Regiane Regina Ribeiro, no artigo *As mediações comunicativas da cultura e sua aplicabilidade na escola e com as juventudes*, enfocam e aplicam o mapa das mediações de Martin Barbero. A proposta é sua aplicação teórico-metodológica para “(...) compreender como as mediações comunicativas da cultura estão representadas pelos processos comunicativos protagonizados pelos alunos.”

Caminhando em direção ao final do dossiê, nos deparamos com um uma curiosa história que teve lugar no México, no terremoto de 2017, tendo como veículo a televisão, um dos meios mais bem estudados no contexto de suas mediações na América Latina. Ao longo do artigo *Frida Sofía: de la esperanza a la desilusión. análisis de recepción sobre la noticia de la niña que jamás existió*, Darwiin Franco utiliza uma “análise abrangente da recepção de televisão” para discorrer sobre uma notícia falsa que teve cobertura televisiva – o resgate de Frida Sofía, uma criança inventada, que nunca existiu, e que seria sobrevivente do terremoto, depois de dias de busca. Para finalizar esta seção, Carla Baiense Felix, com base na análise da recepção de estudantes de jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) por meio de grupos focais, discute, em *Juventude e midiaticização: reflexões sobre as (re) configurações da comunicação e da cultura no cotidiano*, as configurações midiáticas do universo juvenil e o que esta confluência diz sobre a mutação cultural contemporânea.

Artigos livres

Abrindo esta seção temos uma sequência de artigos sobre o rádio e consumo musical. Em tempos de proliferação diária de *podcasts*, o formato de áudio para a internet, convém refletir sobre as qualidades que o ambiente prévio pavimentado pelo “tambor tribal”, como McLuhan nomeou o rádio, foi capaz de criar. Marcelo Kischinhevsky, Izani Mustafá, Octavio Penna Pieranti, Cristiana Martins de Matos e Lorena Hang analisam, no artigo *Rádios universitárias no Brasil: um campo em constituição*, o estabelecimento do campo das “rádios universitárias” a partir dos resultados de uma cartografia e destacam a necessidade desse mapeamento para o estudo desse tipo de rádio no contexto brasileiro. Já Virginia Medina Avila, no artigo *Radio en el automóvil: audiencia atrapada*, discorre sobre o fenômeno de se ouvir rádio no carro, enquanto se está no trânsito, fazendo uma breve contextualização histórica do tema e uma descrição dessa experiência na região metropolitana do Valle de México. Mostra-se oportuno saltarmos para o último conteúdo desta edição, a resenha de Karina Woehl de Farias e Leslie Sedrez Chavesdo sobre o livro *Produção de programas de rádio: do roteiro à direção*, tradução do clássico de Mario Kaplún, obra resultante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, cunho trabalho foi encabeçado por Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti.

Continuando no campo dos meios e dispositivos sonoros, o artigo de Dulce Mazer, *Consumo expandido – repensando o consumo de música por meio das práticas culturais de hip-hoppers*, vale-se do estudo de um determinado grupo para a investigação da pista tribal que envolve a propagação do som na sociedade. Por sua vez, em *Selfies y Potlatch digital: imagen y capitales simbólicas en la era de la reputación digital*, Jorge Alberto Hidalgo Toledo recorre à metáfora da prática *potlach* para a compreensão do capital simbólico das selfies e a escalada da criação (novamente) de uma reputação digital. O *potlach* era praticado por tribos indígenas América do Norte como uma cerimônia de doação de bens de um homenageado. O ritual criava uma atmosfera competitiva ao demonstrar o poder e buscar a aprovação pessoal de quem doava seus bens.

Imaginação e dimensão simbólica da imagem é o título do artigo de Malena Segura Contrera que nos sugere uma pausa para enfrentarmos, na profusão de *selfies* e *posts* de toda sorte, “uma reflexão acerca da relação entre imagem simbólica, narratividade e imaginação, tratando das consequências do esvaziamento simbólico da imagem na sociedade mediática”. Em *El poder de la interpretación*, Diego Lizarazo Arias, discute a interpretação a partir dos estudos contemporâneos sobre recepção, dialogando com o dossiê desta edição, e ajudando a cercar as possibilidades da interpretação. Interessante notar que, em um ambiente de intenso consumo de mídia, cabe também aos estudiosos do campo da comunicação entender seus limites, como discutem estes dois trabalhos.

E, neste contexto contemporâneo complexo, cabe também entender os processos comunicacionais sob a ótica da acessibilidade. Este é o tema de *Procesos comunicacionales inclusivos: una mirada bajo la óptica de la accesibilidad comunicativa*, de Marco Bonito e Larissa Conceição dos Santos, cuja pesquisa, aplicada no campo da comunicação no Brasil, “tem por finalidade refletir sobre a recepção de mensagens pelas pessoas com deficiência sensorial (visual e auditiva), problematizando a relação entre as diferentes formas narrativas e a acessibilidade comunicativa, a fim de propor que os processos comunicacionais se reconfigurem para a construção de narrativas acessíveis”. O engajamento cívico de jovens na fronteira geográfica entre o México e Estados Unidos é estudado por David Gonzalez Hernandez, no artigo *The forgotten border / la frontera olvidada: discrimination and youth political engagement of young latina/os*, através da participação dos sujeitos “por meio da mídia no contexto da alfabetização midiática e da iniciativa de oficinas de produção.”

A recuperação histórica do Centro de Integração de Mídia Alternativa, sediada na Bolívia durante os anos 1980, é o assunto tratado por María Aimaretti em *El Centro de Integración de Medios de Comunicación Alternativa: una reconstrucción histórica*. Nas palavras da autora, “a entidade apoiou o desenvolvimento comunitário em comunicação e educação popular, buscando a transferência de conhecimento e mídia aos grupos de base, utilizando mecanismos de participação cidadã, formas de conhecimento e ferramentas de organização do grupo”. Olhar para o passado deste centro ajuda a entender como a “cultura participativa”, tratada no ambiente digital por outros autores nesta edição, ocorria em tempos analógicos. O artigo *novos arranjos organizacionais no jornalismo brasileiro: os nativos digitais no setor ambiental*, Egle Müller Spinelli, por sua vez, encerrando a seção, olha para o presente para entender como ocorre a sustentabilidade de projetos jornalísticos que nasceram na internet com o objetivo de discutir o meio ambiente.

E é no ambiente da comunicação alternativa que nos encaminhamos para a entrevista, realizada por Daniel Badenes com o professor chileno Fernando Reyes Matta, fundador do Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), que ajudou a sistematizar o campo e a fundar a ALAIC, em 1978. Também viveu no Chile durante o governo Allende e nos dá um panorama do

contexto da prática da comunicação na América Latina naqueles dias.

Outra temática contemporânea que tem sido muito discutida nos últimos anos, o tratamento e a função social da mídia na construção da perspectiva de gênero, é abordada por Carolina Justo von Lurzer, na seção Estudos, com o texto *Oportunidades, ausencias y desafíos. Los estudios de comunicación y género En Argentina*. Seu objetivo foi “compreender de que maneira o conhecimento científico sobre comunicação e gênero tem sido produzido na medida em que essa produção enfatiza o consenso e recoloca as discussões tanto no campo comunicacional quanto nos estudos de gênero.”

Por fim, gostaríamos de registrar nosso agradecimento ao Professor Jerónimo Repoll (Universidad Autónoma de la Ciudad de México - México) e às Professoras Valquiria Michela John (Universidade Federal do Paraná - Brasil) e Beatriz Inzunza (Universidad de Monterrey - México), coordenador e coordenadoras do dossiê desta edição.

Esperamos, assim, ter apresentado ao leitor um diverso panorama sobre os estudos de recepção e as mediações contemporâneas na América Latina, pois é na convivência da diversidade que elaboramos o complexo ecossistema comunicativo da contemporaneidade.

Margarida Maria Krohling Kunsch
Maria Cristina Palma Mungioli
Daniela Osvald Ramos
Editoras

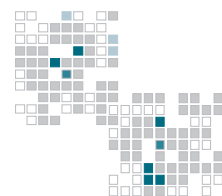
Os estudos de recepção e suas mediações contemporâneas

Como se anunció en el *call for papers* de esta edición, el término recepción, dependiendo del idioma, puede ser controvertido. Aunque se refiera a las investigaciones que tienen en cuenta la relación de los sujetos con las narrativas, prácticas y procesos mediáticos, puede remitirse a una concepción de un “receptor pasivo”, o sea, de alguien que apenas “recibe” los mensajes y reacciona. La recepción es, sin embargo, la nomenclatura, al menos en Brasil (JACKS y ESCOSTEGUY, 2005), que históricamente es utilizada en el campo de la Comunicación para referirse a las investigaciones que buscan comprender las relaciones ENTRE los sujetos y los medios. Fue esa perspectiva que dirigió la organización del dossier “Estudios de Recepción” que compone la presente edición de la Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación.

De este modo, recepción se refiere a las investigaciones académicas que buscan comprender el proceso de producción de sentidos de los sujetos a las narrativas mediáticas, a los géneros, formatos y a los propios medios de comunicación, cada vez más presentes en nuestro cotidiano; por eso, Laura H. Wottrich anuncia en ¿Lo que todavía hay de recepción en la recepción? notas sobre un campo cargado de futuro, larga vida al campo. Su artículo presenta “una propuesta de configuración de los estudios de recepción, en diálogo con la tradición internacional, latinoamericana y brasilera”, como lo explica en el resumen.

A continuación, en el artículo *Percepciones de Realismo en Black Mirror: estudio de recepción en audiencias mexicanas*, Beatriz Elena Inzunza Acedo, Patricia Robles Cázares, Luis Fernando Rodríguez, María Fernanda Cuevas examinan, desde el punto de vista del público mexicano, las percepciones de realismo en relación a la recepción de la serie distópica Black Mirror. En 2016, el primer episodio de la tercera temporada contaba la historia de una joven comprometida en aumentar su *social rating*, es decir, su puntuación por el uso de los medios sociales. El índice ayudaba a financiar alquileres y tener facilidades a la hora de viajar, por ejemplo. Parecía algo distante, algo posible sólo en el campo de la ficción, sin embargo, en el año de 2017, China anunció un sistema análogo al de la serie, estableciendo un *rating* de crédito social basado en puntos que facilitaría el acceso a varios servicios, inclusive los básicos.

El uso de los medios sociales (y la penalización consecuente en caso de ausencia) parece comenzar a ser una práctica crucial en las sociedades contemporáneas. Se torna importante, en este contexto, entender cada vez más sus usos y mediaciones posibles. Chirlei Diana Kohls y Claudia Irene de Quadros estudian este punto en el artículo *Mediaciones en Facebook por Jóvenes Brasileños*. ¿Y los jóvenes que no viven en las grandes ciudades? Valiéndose del neologismo “rurbanos”, derivado de “rural + urbanos”, Nilda Jacks, Mariângela Machado Toaldo y Jane Aparecida Marques presentan, En el artículo *Jóvenes*



Rurbanos: consumo mediático en el “Brasil Profundo” el consumo mediático de este perfil específico de jóvenes de 18 a 24 años, “de varias capas socioeducativas, que viven en cuatro municipios de zonas rurbanas del estado de Rio Grande do Sul/Brasil”, y enfocan en especial sus prácticas en las redes sociales digitales.

Elia Margarita Cornelio-Mari, en el artículo *Spiderman Choco Traduce “Game of Thrones”: cultura participativa en la recepción de una serie global*, aborda la recepción y las mediaciones locales en una región mexicana basada en la traducción cultural de Spiderman Choco, un *youtuber* popular, discutiendo la construcción de una cultura participativa en torno al fenómeno. También en la perspectiva de la coparticipación de creaciones y recreaciones colectivas de narrativas, Edu Jacques, en el artículo *Recrear y Difundir: prácticas de circulación a partir del juego Arma 3*, da un paso más en esta dirección y el dossier avanza hacia el estudio de uno de los más discutidos los artefactos culturales de la actualidad, el juego. En este caso “Arma 3”, un juego de acción del género de guerra y del subgénero *shooting games*: juegos en los que es posible asumir la posición de primera persona mientras se empuña un arma. En el espacio de la escuela y con jóvenes del Colegio Estadual de Paraná (Curitiba-PR) que Patricia Goedert Melo y Regiane Regina Ribeiro, en el artículo *Las mediaciones comunicativas de la cultura y su aplicabilidad en la escuela y con las juventudes*, enfocan y aplican el mapa de las ciudades, las mediaciones de Martin Barbero. La propuesta es su aplicación teórico-metodológica para “(...) comprender cómo las mediaciones comunicativas de la cultura están representadas por los procesos comunicativos protagonizados por los alumnos”.

Caminando hacia el final del dossier, nos encontramos con una curiosa historia que tuvo lugar en México, en el terremoto de 2017, teniendo como vehículo la televisión, uno de los medios más bien estudiados en el contexto de sus mediaciones en América Latina. A lo largo del artículo *Frida Sofía: de la esperanza a la desilusión. Análisis de recepción sobre la noticia de la niña que jamás existió*, Darwin Franco utiliza un “análisis amplio de la recepción de televisión” para discurrir sobre una noticia falsa que tuvo cobertura televisiva - el rescate de Frida Sofía, una niña inventada, que nunca existió, y que sería sobreviviente del terremoto, después de días de búsqueda. Para finalizar esta sección, Carla Baiano Felix, con base en el análisis de la recepción de estudiantes de periodismo de la Universidad Federal Fluminense (UFF) por medio de grupos focales, discute, en *Juventud y mediatización: reflexiones sobre las (re) configuraciones de la comunicación y de la cultura en el cotidiano*, las configuraciones mediáticas del universo juvenil y lo que ésta confluencia dice sobre la mutación cultural contemporánea.

Artículos libres

Abriendo esta sección tenemos una secuencia de artículos sobre la radio y el consumo musical. En tiempos de proliferación diaria de *podcasts*, el formato de audio para Internet, conviene reflexionar sobre las cualidades que el ambiente previo pavimentado por el “tambor tribal”, como McLuhan nombró la radio, fue capaz de crear. Marcelo Kischinhevsky, Izani Mustafá, Octavio Penna Pieranti, Cristiana Martins de Matos y Lorena Hang analizan, en el artículo *Rádios universitarias en Brasil: un campo en constitución*, el establecimiento del campo de las “radios universitarias” a partir de los resultados de una cartografía y destacan la necesidad de ese mapeamiento para el estudio de ese tipo de radio en el contexto brasileiro. Ya Virginia Medina Avila, en el artículo *Radio en el automóvil: audiencia atrapada*, discurre sobre el fenómeno de oír radio en el coche, mientras se está en el tránsito, haciendo una breve contextualización histórica del tema y una des-

cripción de esa experiencia en la región metropolitana del Valle de México. Nos parece oportuno saltar al último contenido de esta edición, la reseña de Karina Woehl de Farias y Leslie Sedrez Chaves sobre el libro *La producción de programas de radio: del guión a la dirección*, traducción del clásico de Mario Kaplún, obra resultante del Grupo de Investigación Radio y Medios Sonoros de Intercom, cuyo trabajo fue encabezado por Eduardo Meditsch y Juliana Gobbi Betti.

Continuando en el campo de los medios y dispositivos sonoros, el artículo de Dulce Mazer, *Consumo ampliado - repensando el consumo de música a través de las prácticas culturales de hip-hop*, se vale del estudio de un determinado grupo para la investigación de la pista tribal que envuelve la propagación del sonido en la sociedad. Por su parte, en *Selfies y Potlatch digital: imagen y capitales simbólicas en la era de la reputación digital*, Jorge Alberto Hidalgo Toledo recurre a la metáfora de la práctica *potlach* para la comprensión del capital simbólico de las selfies y la escalada de la creación (nuevamente) de una reputación digital. El *potlach* era practicado por tribus indígenas de América del Norte como una ceremonia de donación de bienes de un homenajeado. El ritual creaba una atmósfera competitiva al demostrar el poder y buscar la aprobación personal de quien donaba sus bienes.

Imaginación y dimensión simbólica de la imagen es el título del artículo de Malena Segura Contrera que nos sugiere una pausa para enfrentar, a la profusión de *selfies* y *posts* de toda suerte, “una reflexión acerca de la relación entre imagen simbólica, narratividad e imaginación, tratando de las consecuencias del vaciamiento simbólico de la imagen en la sociedad mediática”. En *El poder de la interpretación*, Diego Lizarazo Arias, discute la interpretación a partir de los estudios contemporáneos sobre recepción, dialogando con el dossier de esta edición, y ayudando a rodear las posibilidades de la interpretación. Interesante es notar que, en un ambiente de intenso consumo de medios, cabe también a los estudiosos del campo de la comunicación entender sus límites, como discuten estos dos trabajos.

Y, en este contexto contemporáneo complejo, cabe también entender los procesos comunicacionales bajo la óptica de la accesibilidad. Este es el tema de *Procesos comunicacionales inclusivos: una mirada bajo la óptica de la accesibilidad comunicativa*, de Marco Bonito y Larissa Conceição dos Santos, cuya investigación, aplicada en el campo de la comunicación en Brasil, “tiene por finalidad reflexionar sobre la recepción de mensajes por las personas con discapacidad sensorial (visual y auditiva), problematizando la relación entre las diferentes formas narrativas y la accesibilidad comunicativa, a fin de proponer que los procesos comunicacionales se reconfiguren para la construcción de narrativas accesibles”. El compromiso cívico de jóvenes en la frontera geográfica entre México y Estados Unidos es estudiado por David González Hernández, en el artículo *The forgotten border / la frontera olvidada: discriminación y compromiso político juvenil de jóvenes latinos*, a través de la participación de los sujetos “a través de los medios en el contexto de la alfabetización mediática y de la iniciativa de talleres de producción”.

La recuperación histórica del Centro de Integración de Medios Alternativos, con sede en Bolivia durante los años 1980, es el tema tratado por María Aimaretti en *El Centro de Integración de Medios de Comunicación Alternativa: una reconstrucción histórica*. En las palabras de la autora, “la entidad apoyó el desarrollo comunitario en comunicación y educación popular, buscando la transferencia de conocimiento y medios a los grupos de base, utilizando mecanismos de participación ciudadana, formas de conocimiento y herramientas de organización del grupo”. Mirar hacia el pasado de este Centro ayuda a entender cómo la “cultura participativa”, tratada en el ambiente digital por otros autores en esta edición, ocurría en tiempos analógicos. El artículo *Nuevos arreglos organizacionales*

en *el periodismo brasileño: los nativos digitales en el sector ambiental*, Egle Müller Spinelli, por su vez, encerrando la sección, mira al presente para entender cómo ocurre la sostenibilidad de proyectos periodísticos que nacieron en internet con el objetivo de discutir el medio ambiente.

Y es en el ambiente de la comunicación alternativa que nos encaminamos a la entrevista, realizada por Daniel Badenes con el profesor chileno Fernando Reyes Matta, fundador del Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), que ayudó a sistematizar el campo y a fundar la ALAIC, en 1978. También vivió en Chile durante el gobierno Allende y nos da un panorama del contexto de la práctica de la comunicación en la América Latina en aquellos días.

Otra temática contemporánea que ha sido muy discutida en los últimos años, el tratamiento y la función social de los medios en la construcción de la perspectiva de género, es abordada por Carolina Justo von Lurzer, en la sección Estudios, con el texto *Oportunidades, ausencias y desafíos. Los estudios de comunicación y género en Argentina*. Su objetivo fue “comprender de qué manera el conocimiento científico sobre comunicación y género ha sido producido en la medida en que esa producción enfatiza el consenso y relocala las discusiones tanto en el campo comunicacional como en los estudios de género”.

Por último, quisiéramos registrar nuestro agradecimiento al Profesor Jerónimo Repoll (Universidad Autónoma de la Ciudad de México - México) ya las Profesoras Valquiria Michela John (Universidad Federal de Paraná - Brasil) y Beatriz Inzunza (Universidad de Monterrey - México), coordinador y coordinadoras del dossier de esta edición.

Esperamos así haber presentado al lector un diverso panorama sobre los estudios de recepción y las mediaciones contemporáneas en América Latina, pues es en la convivencia de la diversidad que elaboramos el complejo ecosistema comunicativo de la contemporaneidad.

Margarida Maria Krohling Kunsch
Maria Cristina Palma Mungioli
Daniela Osvald Ramos
Editoras